

Casas de religião de matriz africana atingidas pela enchente na Região Metropolitana de Porto Alegre

Jornal da Universidade | 15 de julho de 2024 | Artigo

Artigo | Emerson Giumbelli, Gabriela Fialho, Iuri Bernardes e Taiane Lopes, da Antropologia, apresentam dados de levantamento e discutem a necessidade de se considerarem nos planos de recuperação as terreiras, que funcionam como referências comunitárias

*Ilustração: Brendo Klein/Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV/AAUFRGS

Entre os locais atingidos pela elevação do nível das águas estão os templos religiosos. Sabe-se que edificações de diferentes religiões sofrem com a tragédia. Nossa preocupação voltou-se para a elaboração de um levantamento do número de casas de religião de matriz africana diretamente afetadas por inundações ou alagamentos em maio de 2024 na região metropolitana de Porto Alegre.

No Rio Grande do Sul, essas religiões correspondem ao Batuque, à Umbanda e à Quimbanda. Muitas vezes, essas variantes rituais são praticadas em uma mesma casa (ou terra). Sob diferentes configurações, Batuque, Umbanda e Quimbanda preservam o culto aos orixás, divindades que chegaram ao Brasil junto com a população escravizada trazida do continente africano. Ao lado dos orixás, outras entidades espirituais são também cultuadas nos templos dessas religiões – sobre as quais existem muitas pesquisas.

A recorte recai sobre esse segmento religioso por três razões. Primeiro, sabe-se que muitas vezes são estruturas modestas e mais vulneráveis em comparação com o que predomina em outras religiões. Segundo, na maioria dos casos, o local de culto é ainda o local de moradia da liderança religiosa, o que significa que uma inundação não atinge apenas um templo, mas também uma residência familiar. Por fim, os templos abrigam o que se chama de "assentamentos", objetos que firmam as relações entre lideranças, adeptos, orixás e outras entidades. São objetos fundamentais para as religiões de matriz africana, cujos altares ficam à mercê das águas.

Saber precisamente quantos templos de religiões de matriz africana existem em determinado território é algo desafiador, devido ao preconceito social que sofrem essas religiões, há sempre um número considerável de instituições que não podem ser facilmente identificadas. Felizmente, para a região de Porto Alegre, existem algumas estimativas e levantamentos. O mais recente dos mapeamentos foi o produzido pela [Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros](#). Com recursos do Governo Federal, ela ocorreu em 2010 em quatro regiões metropolitanas brasileiras: Belém, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre. Executada pela Associação Filmes de Quintal, com o imprescindível apoio de lideranças do próprio universo religioso, essa pesquisa chegou ao número de 1.342 templos, no caso da capital gaúcha – o mais alto na comparação com as outras três regiões.

Tendo acesso aos endereços mapeados pela Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros, nosso levantamento realizou buscas no [Mapa das Cheias no Delta do Jacuí e Lago Guaíba em Porto Alegre](#). Considerou-se a mancha marcada nesse mapa digital correspondente ao nível das águas no dia 06/05/2024, data na qual o Guaíba alcançou sua marca mais alta.

Antes de apresentarmos os resultados, é importante observar que a base de dados utilizada é de 2010 e precisa ser atualizada, pois alguns templos podem ter deixado de existir ou sido criados após essa data. Além disso, a base pode conter lacunas, já que inclui apenas os terreiros cujos responsáveis autorizaram a divulgação. É preciso também mencionar que nossa pesquisa não teve condições de considerar todas as mais de 1.300 casas de religião de matriz africana. Privilegiamos os endereços localizados em [bairros atingidos pela enchente](#) em Porto Alegre. Nos demais municípios, cobrimos a totalidade das casas existentes, porém não em todas as cidades, deixando lacunas em lugares como Viamão, Gravataí e alguns municípios menores.

Em Porto Alegre, foram pesquisados os endereços de 112 casas em bairros atingidos pela enchente (ver tabela para os bairros selecionados). Essas 112 casas correspondem a aproximadamente 24% do universo total de templos no município.

Bairro	Número total de templos	Número de templos atingidos
Aberta dos Morros	1	0
Arquipélago	3	3
Azenha	4	1
Belém Novo	8	1
Cavallhada	14	0
Chapéu do Sol	4	0
Cidade Baixa	8	5
Cristal	14	0
Espírito Santo	7	0
Farrapos/Vila Farrapos	6	6
Guarujá	1	0
Hípica	4	0
Humaitá	1	1
Ipanema	6	0
Lajeado	3	0
Menino Deus	2	1
Ponta Grossa	5	0
Rubem Berta	8	0
Santa Teresa	1	0
Santana	1	0
São Geraldo	1	1
Sarandi	10	5
Total	112	24

Número de templos de religião afro atingidos no município de Porto Alegre – bairros selecionados

Foram ainda pesquisados os seguintes bairros nos quais não constam templos na base de dados: Anchieta, Boa Vista do Sul, Floresta, Jardim Floresta, Jardim Santa Isabel, Jardim São Pedro, Lami, Navegantes, Pedra Redonda, Praia de Belas, Santa Cecília, Santa Maria Goretti, Santa Rosa de Lima, São João, Vila Assunção e Vila Conceição.

Alguns bairros se destacam quando focamos em sua situação: na Cidade Baixa, 5 de 8 casas foram atingidas; no Sarandi, isso ocorreu em 5 das 10 casas. Mais grave ainda é o quadro nos bairros Arquipélago, Farrapos (inclui Vila Farrapos), Humaitá e São Geraldo: todas as 11 casas foram inundadas. No Menino Deus, em que estão localizados dois templos, um deles foi atingido. Somando-se às casas atingidas em Porto Alegre, temos um total de 24, o que corresponde a 21,4% dos 112 templos pesquisados.

Depois de Porto Alegre, é no município de Alvorada que se situa o maior número de casas de religiões de matriz africana. São 175 endereços. Felizmente, de acordo com as bases de dados de nosso levantamento, nenhum templo foi inundado.

Na região do Vale do Rio dos Sinos, a situação é desoladora no município de Canoas. Dos 100 templos lá existentes, nada menos que 55 foram atingidos. No bairro Mathias Velho, todas as 14 casas sofreram inundação. O mesmo ocorreu nas 7 casas do bairro Rio Branco. No bairro Harmonia, 18 das 20 casas foram atingidas. No bairro Niterói, as águas alcançaram 7 das 18 casas. No bairro Fátima, 3 das 4 casas.

Em São Leopoldo, o quadro também é grave: 20 das 63 casas foram atingidas, ou seja, 32% de todos os templos de religião de matriz africana que existem no município. Destaca-se o bairro Campina, onde 9 das 10 casas ali situadas sofreram com as águas. Outros municípios mostram uma situação menos drástica. Em Esteio, apenas uma das 17 casas existentes na cidade foi atingida. Em Novo Hamburgo, onde constam 19 templos, a água alcançou três casas, todas elas situadas no bairro Santo Afonso. Apenas um templo desse bairro não foi atingido. Já no município de Sapucaia do Sul, a água não chegou a nenhum dos 18 templos lá localizados.

Nos municípios de Eldorado do Sul e de Guaíba, os números são drásticos. Em Eldorado do Sul, todas as 18 casas foram atingidas pelas águas. Já em Guaíba, isso ocorreu com 34 das 69 casas, ou seja, praticamente a metade do total. Os bairros mais afetados são Santa Rita e Cohab, onde todas as 33 casas sofreram com a enchente.

Em Guaíba, a Associação Beneficente Cultural Africana Templo de Yemanjá (Assobecaty) é um templo de religião de matriz africana (batuque e umbanda) são praticadas na casa) sob a responsabilidade de Mãe Carmen de Oxalá. Ela herdou a casa de sua mãe, que começou as atividades religiosas na cidade de Pelotas e depois as transferiu para Guaíba. A Assobecaty tem como sede uma casa de dois andares localizada no bairro Santa Rita, invadido pela enchente a partir do dia 4 de maio.

Na sede da Assobecaty, as águas atingiram mais de um metro de altura, destruindo mobiliário e eletrodomésticos. A principal preocupação de Mãe Carmen e sua filha Greice foi salvar alguns documentos e "resguardar o sagrado". Objetos vinculados aos orixás foram deslocados para o segundo andar. O pavimento livre das águas serviu também para acolher mais de 30 vizinhos até que fossem resgatados.

A casa ficou oito dias fechada, e agora estão em curso os trabalhos de limpeza e recuperação. Entrevistada, Mãe Carmen mostrou-se preocupada com a situação de outros terreiros, sabendo que os assentamentos são o seu "estêo". A Assobecaty já vem retomando suas atividades assistenciais (entrega de alimentos em comunidades de Guaíba) e planeja o reinício de outras ações (o terreiro é também um Pontão de Cultura). Mas a líder confessa seus temores: "Não temos certeza de que estaremos a salvo de novas enchentes".

Vale reiterar que os resultados aqui apresentados são parciais e provisórios. Apenas uma rigorosa pesquisa de campo, a sistematização de vários mapeamentos mais circunscritos ou o contato com cada liderança religiosa poderiam confirmar com exatidão o número de casas de religião de matriz africana atingidas pelas águas da enchente de maio de 2024. Assim também poderíamos saber qual a escala dos prejuízos, considerando as situações de cada casa e suas singularidades.

Seria interessante saber ainda quantas terreiras serviram de acolhida e apoio em seus bairros a pessoas que foram desabrigadas. Vimos que isso ocorreu até na casa de Mãe Carmen, que teve seu primeiro andar inundado, como foi relatado acima.

Mesmo com suas limitações, os resultados de nosso levantamento são suficientes para chamar a atenção à necessidade de se considerarem essas casas de religião nos planos de recuperação que irão responder às consequências da enchente. Em muitos casos, as terreiras não se resumem a lugares de culto, mas funcionam como referências comunitárias. Sua presença e sua operação são aspectos importantes de nossas cidades.

Emerson Giumbelli é professor do Departamento de Antropologia da UFRGS e integrante do NER, Núcleo de Estudos da Religião, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS.

Taiane Lopes é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS.

Gabriela Vasconcelos Fialho é graduanda do curso de Ciências Sociais da UFRGS.

Iuri Bernardes é graduando do curso de Ciências Sociais da UFRGS.

"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."

Posts relacionados



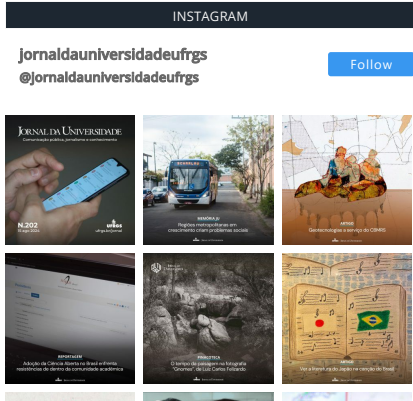
Maurício Paixão, um apaixonado fazendo a diferença

A valorização da ciência e frente à nova ordem climática

Acolhimento às crianças e adolescentes no abrigo sediado na Eselid

Em tempos de crise, comunidade acadêmica da UFRGS propõe ações para auxiliar estudantes e servidores...

INSTAGRAM



View on Instagram

REALIZAÇÃO



CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS
Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8. andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060
(51) 3308.3368
jornal@ufrgs.br